



## O “RIO DO LADO DE CÁ”: CIRCULAÇÃO DOS DESFILES DE ESCOLAS DE SAMBA DO GRUPO ESPECIAL DO RIO DE JANEIRO QUE TEM A AMAZÔNIA COMO ENREDO NOS JORNAIS “O LIBERAL” E “DIÁRIO DO PARÁ” (1997-2013)

Lucas Stefano da Costa Amorim<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo problematiza a circulação dos desfiles de escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro que têm a Amazônia como enredo nos dois jornais de maior tiragem do estado do Pará no recorte proposto. Tendo por base teórica a Nova História cultural, a metodologia perpassou pela ida a campo, coleta das fontes periódicas jornalísticas em padrão quinzenal e questionamento destas visando responder à problemática. O artigo em questão, além de apresentar os resultados da pesquisa, reafirma a pertinência do uso de fontes periódicas jornalísticas no ofício do historiador, bem como faz um preâmbulo necessário para compreendermos o que estava sendo debatido sobre a Amazônia no referido recorte temporal. Além dos fatores anteriormente elencados, as transformações ocorridas no seio das agremiações carnavalescas abordadas, bem como a orientação política dos mantenedores dos periódicos “O Liberal” e “Diário do Pará” nos permitiram ver que a função dos jornais foi muito além de noticiar, mas também criar um discurso favorável às escolas de samba que homenagearam a Amazônia, sobretudo quando se referiam ao estado do Pará.

**Palavras-chaves:** Amazônia, escolas de samba, jornais

### Um preâmbulo necessário: Amazônia e escolas de samba

Antes de adentrarmos no objeto de nosso estudo, os jornais O Liberal e Diário do Pará, bem como na problemática a que este se propõe a responder, a circulação dos desfiles nesses jornais, torna-se necessário abordarmos alguns aspectos de ordem temática partindo dos seguintes questionamentos: o que se estava debatendo sobre Amazônia em nível mundial e nacional e como podemos pensar as escolas de samba dentro do contexto em que estas estavam inseridas?

---

<sup>1</sup> Graduado no curso de Licenciatura Plena em História (2017) pela Universidade Federal do Pará / Campus Bragança. Este artigo é o desdobramento do terceiro capítulo da monografia de conclusão de curso intitulada “A Amazônia na Marquês de Sapucaí: carnaval, sujeitos e discursos sobre uma região (1997-2013)”, defendida no dia 10 de novembro de 2017 visando a aprovação na disciplina denominada “TCC/ Monografia II”, bem como obtenção do título de Licenciado Pleno em História, tendo sido orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Roseane Corrêa Pinto Lima. O presente trabalho foi sugerido inicialmente pelos professores Msc. Magda Nazaré Pereira da Costa (FAHIST/ UFPA- Bragança) e Dr<sup>o</sup> Bruno Pinheiro Rodrigues (FAHIST/ UFPA-Bragança), componentes da banca avaliadora, e orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Roseane Corrêa Pinto Lima. E-mail: [stefanolucas03@hotmail.com](mailto:stefanolucas03@hotmail.com)

Em meados dos anos 1970, conforme pontua o sociólogo catalão Manuel Castells (CASTELLS, 2010, p.141-160), o mundo passava por uma série de transformações que iam desde a insatisfação juvenil, passando por manifestações contra o uso de energia nuclear e o afloramento dos ditos movimentos ambientalistas, sobretudo em nações europeias como a Alemanha e nos Estados Unidos. Em termos de Brasil, por sua vez, percebemos, conforme pontua a geógrafa Magali Franco Bueno (BUENO, 2002, p.100-138), uma mudança de perspectiva por parte da mídia brasileira em meados e fins dos anos 1980, em especial com relação à Amazônia, partilhando dos discursos preservacionista/ conservacionista.

O historiador paraense Mário Médice da Costa Barbosa (BARBOSA, 2010) nos ajuda a pensar que não vem apenas desde os anos 1970-80 tal preocupação com a Amazônia. Segundo o próprio em sua tese de doutoramento intitulada “Entre a filha enjeitada e o paraensismo”, a própria Amazônia, além ser uma palavra polissêmica, foi objeto dos discursos e de disputas de diversos sujeitos Indo desde viajantes, passando por políticos influentes, jornalistas, ambientalistas e etc. E, dialogando, o autor com este trabalho, incluímos nessa seleção, por si só variada de sujeitos, as escolas de samba, sobretudo as do grupo especial da cidade do Rio de Janeiro.

Essas mesmas agremiações carnavalescas não surgem meramente do nada. Por sinal, até mesmo sua origem é motivo de disputa, segundo o historiador carioca José Guilherme Motta Faria (FARIA, 2008, p.63-69). Ainda segundo Faria, as escolas de samba não surgem como instituições carnavalescas prestigiadas e abastadas financeiramente como as conhecemos, pelo contrário. Oriundas na virada dos anos 1920 para os anos 1930, vemos o seu surgimento num contexto de efervescência de diversas outras manifestações carnavalescas como os corsos, os ranchos, as pequenas e médias sociedades. Estas, em especial os ranchos, eram frequentados e mantidas por sujeitos abastados da sociedade carioca do período (FARIA, 2008, p.69-74).

Foi só com o passar de mais de 20 anos, aliado à complexos jogos de poder firmados entre as escolas de samba e o governo brasileiro, na época capitaneado por Getúlio Vargas, que as agremiações então tidas como desordenadas e marginais foram alçadas ao posto de símbolo da cultura brasileira, tendo o samba, veículo auditivo de comunicação das escolas, se tornado “música nacional”.

As transformações nas agremiações prosseguiram após os anos 1950, tanto do ponto de vista estrutural, como do prestígio e, sobretudo, de ordem temática. A socióloga Maria de Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (CAVALCANTI, 2006) e o historiador José Guilherme Motta Faria (FARIA 2008 e 2014) nos auxiliam a pensar esses aspectos. Nos anos 1930 temos as escolas de samba buscando se consolidarem enquanto agremiações. Já nos anos 1940, temos um predomínio de enredos homenageando personagens tidos como “heróis nacionais”. Nos anos 1950-1960, por sua vez, diversas escolas passaram a realizar enredos

relacionados à negritude. Nos anos 1970, concomitante ao crescimento da influência do mecenato do Jogo do Bicho, o luxo, o onírico e a variabilidade temática passam a dar a tônica de um espetáculo cada maior em termos de contingente humano.

Por sua vez, nos anos 1980 e 1990, governantes de cidades, estados e até mesmo países, passam a perceber o potencial turístico das escolas de samba. Soma-se a isso a crescente atenção dada pela Rede Globo de Televisão ao concurso anual das escolas de samba do grupo especial, bem como a criação entre os anos de 1983 e 1984 de uma estrutura fixa<sup>2</sup> para a realização dos desfiles de escolas de samba: a Passarela do Samba Darcy Ribeiro, popularmente conhecida como “Sambódromo da Marquês de Sapucaí”. Esses fatores, segundo Israel Siqueira Pegado em sua monografia de conclusão de curso em Jornalismo (PEGADO, 2005) nos faz perceber o adentrar escolas de samba em uma ordem mercadológica.

Além de adentrarem numa lógica mercadológica, as escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro não deixaram de estar conectadas com o seu tempo. E as questões relacionadas à Amazônia também chamaram a atenção de carnavalescos e enredistas dessas agremiações. Tanto que em 11 ocasiões, sete escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro<sup>3</sup>, algumas em mais de uma ocasião, fizeram desfiles tendo como enredos a Amazônia. Chegamos, portanto, ao entrecruzamento das discussões em âmbito nacional e internacional sobre ambientalismo e Amazônia e da era de ouro do patrocínio das escolas de samba, recorte temático deste artigo<sup>4</sup>.

Compreendendo o contexto em que as fontes foram produzidas, podemos adentrar no debate quanto a pertinência do uso de fontes periódicas jornalísticas, sobre a escola teoria a qual o trabalho se filia, assim como a justificativa do recorte escolhido para a coleta das fontes.

### **Das escolhas teóricas e a pertinência do uso de fontes periódicas**

Filiando-se a Nova História Cultural, o presente trabalho utiliza de alguns conceitos dessa escola historiográfica, bem como, seguindo as pontuações de José D’Assunção Barros (BARROS, 2003, p. 145-171) estrutura a sua base teórica em dimensão, domínio e

---

<sup>2</sup> Nesse caso fixa uma vez que até o ano da construção do dito Sambódromo, o público espectador ficava acomodado nas ditas arquibancadas tubulares móveis, que eram estruturas metálicas que eram montadas semanas antes do carnaval e desmontadas logo depois.

<sup>3</sup> Os seguintes enredos foram apresentados pelas escolas de samba selecionadas: “Madeira Mamoré, a volta dos que não foram... lá no Guaporé” (Grande Rio, 1997), “Pará: o mundo místico dos Caruanas nas águas do Patu-Anu” (Beija-Flor, 1998), “Parintins: a ilha do boi-bumbá: Garantido versus Caprichoso” (Acadêmicos do Sagueiro, 1998), “Uma fantástica viagem ao pulmão do mundo” (Tradição, 1998), “Amazonas, esse desconhecido: delírios e verdades do Eldorado verde” (Portela, 2002), “Lendas e Mistérios da Amazônia” (Portela, 2004), “Manôa, Manaus, Amazônia, Terra Santa... que alimenta o corpo, equilibra a alma e transmite a paz” (Beija-Flor, 2004), “Pedi pra Pará, parou... com a Viradouro vou para o Círio de Nazaré” (Unidos do Viradouro, 2004), “Amazonas: O Eldorado é aqui” (Acadêmicos do Grande Rio, 2006), “Macapaba, equinócio solar: viagens fantásticas ao meio do mundo (Beija-Flor, 2008) e “Pará, o muiraquitã do Brasil: sob a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia” (Imperatriz Leopoldinense, 2013).

<sup>4</sup> Fontes diversas foram compulsionadas para este trabalho, tendo em vista os benefícios que a variabilidade destas sempre trazem ao ofício do historiador. Uma análise mais aprofundada é feita ao longo da monografia da qual este trabalho se desdobra. O artigo, contudo, se deterá nas fontes periódicas jornalísticas.

abordagem. Portanto a História Cultural, conceitos como representação e discurso são tratados no presente artigo.

Quanto à dimensão, a História Cultural, faz-se necessário um breve panorama. Segundo Ronaldo Vainfas no livro *Domínios da História* (VAINFAS, 1997, p. 127-164), diversos historiadores, europeus, sobretudo, passaram a migrar para a dita História Cultural (ou “Nova História Cultural”, como denominam alguns), a partir do momento em que viram as falhas teóricas do conceito de mentalidades, que durante décadas era carro chefe das análises historiográficas, sobretudo na França. Alia-se a isso fatores como a virada cultural, em que foram pluralizados os métodos e abordagens historiográficos de questionamento às fontes (BURKE, 2008).

Para José D’Assunção Barros, o percurso de análise do historiador que se faz valer da Nova História Cultural:

Se interessa pelos sujeitos, produtores e receptores da cultura e que abarca as funções sociais de intelectuais dos mais diversos tipos. Num sentido amplo, como veremos adiante, até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada 'indústria cultural' (esta que, aliás, também pode ser relacionada como uma agência produtora e difusora de cultura). Agências de produção e difusão cultural também se encontram no âmbito institucional, os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, as organizações socioculturais e religiosas (BARROS, 2003, p. 148)

No âmbito do Domínio da História, a história das representações é o principal norte teórico. Interessante debate se põe na definição desse conceito entre dois historiadores: Roger Chartier e Carlo Ginzburg, sendo este último escolhido para essa pesquisa. Rafael Guarato em texto tratando acerca das fundamentações epistemológicas do conceito de representação (GRUARATO, 2009), e Carlo Ginzburg, quando inclusive cita implicitamente Roger Chartier (GINZBURG, 2001, p.85-104), também o faz expõe alguns pontos desse debate.

Guarato nos mostra que o conceito de mentalidade (conforme já pontado por Vainfas foi gradualmente sendo substituído pelo conceito de “representação”. Para Carlo Ginzburg, a representação do real não seria apenas um mero mimetismo, mas seria uma arte conceitual, uma aproximação do real. Para Roger Chartier, em contraponto á Ginzburg, a representação não seria uma arte conceitual, mas uma representação da ausência do que é representado. Adiante veremos a aplicação do conceito de representação segundo Ginzburg como mais condizente com a referida pesquisa. Antes, trataremos do conceito de discurso.

Quanto ao conceito de discurso, o trabalho de Michel Foucault, em especial no seu conhecido livro “A Ordem do discurso” (FOUCAULT, 1999) nos fornece base para pensa-lo. O discurso é por si só, excludente e devedor em especial das opiniões de quem o transmite. Segundo Foucault:

Supondo que toda a sociedade a produção de discurso é a um mesmo tempo controlada, selecionada e organizada, redistribuída, por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos domina seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 7-8)

Tal conceito auxilia na reflexão quanto a pertinência do uso de fontes periódicas jornalísticas na pesquisa do historiador, dos impedimentos iniciais, na primeira metade do século XX e a sua posterior utilização em larga escala por pesquisadores do mundo inteiro. Para a historiadora Tânia Regina de Luca, em texto contido no livro “Fontes Históricas” (LUCA, 2008, p. 111-154), a utilização dos jornais pelos historiadores, da constituição formal da História enquanto ciência até meados dos anos 1950-60, esteve escamoteada de grande parte das pesquisas de fôlego. A justificativa, segundo a historiadora, é que para esses pesquisadores, a imprensa seria parcial demais para proporcionar uma análise sólida o suficiente para uma pesquisa em História.

Contudo, Luca nos mostra que nenhuma fonte, mesmo as ditas oficiais, estão isentas dos discursos de seu tempo. Marc Bloch já nos anos 1940 nos mostra que a fonte histórica jamais vem a ser imparcial e muito menos foi produzida com o objetivo de servir apenas ao trabalho do historiador (BLOCH, 2001, p.76-89). Para pensarmos então, metodologicamente, o questionar dessa fonte, devemos estar atentos às seguintes perguntas: Quem produziu? Por que? Onde? Como? Em que tempo (ou quando)? Para quem? Com que finalidade? Aliado a esses questionamentos, os trabalhos de Maurício Dantielly Calonga (CALONGA, 2012, p.79-87) Severino Cabral Filho e Danilo Rodrigues Souza (SOUZA; RODRIGUES, 2013) e de Guilherme José Motta Faria (FARIA, 2008) nos auxiliaram a pensar metodologicamente alguns recortes.

O primeiro deles foi sobre quais periódicos escolher. Levou-se em consideração a amplitude da circulação, prestígio regional e disponibilidade em arquivos públicos. Feita a triagem partindo desses quesitos foram escolhidos os jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”. O segundo recorte partiu do seguinte questionamento: qual temporalidade abarcar. Levou-se em consideração os seguintes fatores: o fato dos desfiles ocorrerem em anos específicos e o caráter de relevância e *noticiamento* feito pelos jornais paraenses quanto a estes eventos durante o período carnavalesco. Tendo em vista tal fator, optou-se pelo recorte em padrão quinzenal, levando-se em consideração os dez dias que antecedem os desfiles e os cinco dias posteriores.

Feitos as escolhas teóricas e metodológica, a chegou a vez da ida a campo. Nesse caso, a hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Viana, no bairro Batista Campos, em Belém do Pará. Além de dispor de uma vasta coleção disponível para consulta pública (de aproximadamente mais de um milhão de itens) a referida instituição mantém um bem conservado acervo de fontes periódicas jornalísticas do estado do Pará dos últimos 50 anos,

em versão física, contendo edições inteiras, bem acervo microfílmico de periódicos de décadas anteriores.

Após uma semana de imersão na Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Viana, bem como da coleta por meio fotográfico (sem o uso do *flash*) de 195 edições dos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, seguiu-se o armazenamento e organização das mesmas tendo em vista o jornal em questão e o ano. Sete anos foram pesquisados, levando-se em conta o período carnavalesco de cada um deles: 1997, 1998, 2002, 2004, 2006, 2008 e 2013. A análise, cujos resultados são o tema da próxima seção buscou dialogar o questionamento das fontes periódicas tendo em vista o norte metodológico, bem como a bibliografia temática e teórica.

### **Silêncios, diálogos e discursos nos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”**

A leitura das fontes jornalísticas respeitaram os modelos de análise propostos por Tânia Regina de Luca (LUCA, 2008 p. 111-154), Danilo Rodrigues de Souza e Severino Cabral Filho (SOUZA; FILHO, 2013) bem como Maurílio Dantielly Calonga (CALONGA, 2012, p;79-87). Ambos os autores convergiram que os seguintes questionamentos deveriam ser feitos, e que foram sendo respondidos ao longo da análise dos mesmos periódicos em seus respectivos anos: Qual a qualidade física e gráfica do material produzido? Quem produziu? Como produziu? Onde e Quando tal material foi produzido? Em termos de conteúdo, o que e como o que era veiculado era falado? Qual o público alvo? Como perceber as orientações políticas através do próprio grupo editorial e o entrecruzar tais fatores com o próprio período?

Colaborou para o sucesso da coleta de fontes o fato de a Biblioteca Pública Arthur Viana manter um bem conservado acervo jornalístico dos últimos 50 anos no setor da Hemeroteca. Tal fator fez com que a ampla maioria dos jornais estivesse em excelente estado de conservação. Foi visível a melhoria do material utilizado com o passar dos anos, com utilização a partir dos anos 2000 de um tipo de papel diferenciado para as capas e chamadas na abertura de cada número.

A qualidade gráfica das imagens também se modificou com o tempo. Maiores e mais nítidas conforme foram se aprimorando as técnicas de fotografia (passando do rolo de filme para o armazenamento digital) e a própria qualidade das fotos, permitindo identificar detalhes de fantasias e rostos, algo que era pouco provável nas imagens em preto e branco nos anos 90.

Verificou-se um fator interessante e que merece ser ressaltado: apesar da Amazônia ter passado enquanto enredo de maneira direta 11 vezes na Marquês de Sapucaí, em apenas três ocasiões foi dada ampla divulgação dos desfiles pelos periódicos escolhidos, sobretudo quando as escolas em questão homenageavam o estado do Pará nos respectivos

anos: 1998, 2004 e 2013. Há aí um silêncio interessante a ser notado. Pouquíssima atenção foi dada a desfiles como, por exemplo, o da Beija Flor de Nilópolis em 2008<sup>5</sup> e menos ainda quando a Acadêmicos do Grande Rio foi para avenida tendo como enredo o estado do Amazonas em 2006.

Mesmo nos anos em que a Amazônia passou mais de uma vez enquanto enredo (como no caso do ano de 1998 e 2004<sup>6</sup>) atenção especial era dada somente à escola que homenageava o estado do Pará em específico, tendo a redação ressaltado as falhas das escolas concorrentes em relação às inerentes qualidades do desfile homenageando a “cultura e história do Pará”, termos utilizados com frequência nas edições encontradas.

É necessário deter uma análise mediante a tais questões em diálogo com as próprias fontes. Para Danilo Rodrigues de Souza e Severino Cabral Filho (SOUZA; FILHO, 2013, p. 7- 11), o próprio fato de uma notícia ser veiculada e do destaque a ser conferido merece análise<sup>7</sup>, posto que a própria seleção é fruto de intensos debates nos bastidores de uma redação.

O uso de recurso e aparato gráfico, a opção por entre 12, 13, 14 escolas de samba dar destaque a uma ou duas não vem à toa. Os silêncios, tanto quanto aquilo que é mostrado, deixam entrever a própria opinião da redação do jornal em relação aquilo que está sendo veiculado. Devemos ter em mente que a imprensa não é neutra, apesar da pretensa neutralidade e isenção que ela tanto professa.

Produzidos ambos na cidade de Belém, os dois jornais em questão, portanto, com a tiragem na ordem da casa das dezenas de milhares de exemplares, não atingem necessariamente um raio de ação comparável a um jornal como os “Folha de São Paulo”, “Estado de São Paulo” e “O Globo”, ambos periódicos de abrangência nacional e internacional, complementados por suas respectivas edições digitais.

No caso dos Jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, ambos se encontram ancorados nas emissoras que pertencem aos conglomerados de imprensa aos quais os respectivos jornais são parte integrante. Nesse caso o alcance, dada as afiliações com emissoras maiores (como a Rede Globo e Bandeirantes) que inserem em sua grade local os programas das emissoras afiliadas, atinge um espectro maior de telespectadores.

A partir disso podemos identificar o público ao qual esses jornais se destinam, sendo outro ponto de análise proposto pelos autores lidos e que tratam a questão da utilização da imprensa enquanto fonte de pesquisa histórica. Foi necessário, nesse caso, atentar para as

---

<sup>5</sup> No referido ano, a escola de samba carioca apresentou o enredo “Macapaba, equinócio solar: viagens fantásticas ao meio do mundo”. No enredo em questão, a comissão de carnaval optou por mesclar as questões em torno do período em que hemisfério norte e sul do planeta recebem a mesma intensidade de luz solar com o aniversário de 250 anos da fundação da cidade de Macapá à época.

<sup>6</sup> No carnaval do ano de 1998 a Amazônia foi enredo das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro Beija-Flor de Nilópolis, Tradição e Salgueiro. No ano de 2004, a Amazônia voltou a ser enredo de mais três escolas. Dessa vez as agremiações foram a Beija-Flor de Nilópolis, Portela e Unidos do Viradouro.

matérias do respectivo período bem como para o seu posicionamento, para que fossem evitadas conjecturas vagas acerca da própria orientação política dos referidos jornais. E é aí que a própria contextualização com a história do estado e o patrocínio das escolas de samba, aliada à bibliografia convergem, permitindo inferências embasadas para a pesquisa.

Fundado em meados dos anos 1980, o Jornal “Diário do Pará”, pertence à família Barbalho, que com a redemocratização adotou a legenda do Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB), de orientação centrista. Rival deste, temos o jornal “O Liberal”, fundado em 1948 e com forte tendência direitista, apoiador dos governadores adeptos à essa orientação do espectro político. Os referidos jornais não raras vezes protagonizaram querelas que envolveram desde acusações diretas até mesmo a constatação de fraudes e manipulações dos resultados de pesquisa de intenções de votos durante diversos períodos eleitorais, nos quais o poderio político e de imprensa foram aliados em diversas “batalhas eleitorais”.

Um dos fatores que unem a questão política com o patrocínio e a própria pesquisa, pode ser extraído através do amplo destaque dado pelo Jornal “O Liberal” (edição do dia 22/02/1998, Caderno Cartaz, p.1.) ao desfile “Pará, O Mundo Místico dos Caruanas nas águas do Patu-Anu”.

Na época em seu segundo mandato pelo PSDB, o então governador Almir Gabriel havia no ano anterior (1997), patrocinado com o auxílio de diversos empresários paraenses, o fomento financeiro para que a escola de samba carioca Beija-Flor de Nilópolis, notável por sua relação com o jogo do bicho (via família Abraão David), levasse para a avenida o enredo falando acerca da Pajelança Cabocla. Para isso, a escola se baseou no livro “O mundo místico dos caruanas e a revolta da sua ave” da autointitulada Pajé Zeneida Lima.

A tensão e o apelo turístico do enredo foram percebidos, sobretudo, no setor final do desfile, quando a escola optou por mostrar diversas práticas culturais como danças, vaquejada e comidas típicas do estado do Pará, bem como a representação da casa de um ribeirinho, elemento típico da região, segundo a escola. A agremiação levou também em conta a supervisão tida por representantes do governo do estado, nos quais estes elementos mostrados no setor final do desfile aparecem como constituintes da identidade do “ser paraense”. Retomaremos mais adiante esse debate.



Figura 1- O Liberal, 22/02/1998, Caderno Cartaz, p.1

Tendo em vista tal abrangência, o foco implícito posto pelos jornais, dado ao seu local de produção e a sua abrangência, complementada pela já falada transmissão televisiva, temos a cidade de Belém, sua região metropolitana, e alguns municípios específicos como Castanhal, Santarém e Bragança, esta última, por exemplo, possuindo edições diárias dos

jornais “O Liberal” e “Diário do Pará” sendo distribuídas em diversas farmácias espalhadas pela cidade.

A própria percepção da presença financeira e não apenas como aparato cultural (fomentando a pesquisa e disponibilização de livros) se não pôde ser trazida a luz mediante a existência de documentação comprovando as respectivas transferências (cuja exigência de apresentação pelas escolas de samba só foi se tornar obrigatória a partir do carnaval de 2011<sup>8</sup>), os próprios jornais não deixaram de enfatizar a existência desses repasses.

Em não raros os casos, o próprio governo do estado nos mandatos de Almir Gabriel (PMDB), Ana Júlia Carepa (PT) e Simão Jatene (PSDB) foram os protagonistas de tais transferências. A própria vinda de carnavalescos e dirigentes de escolas de samba para o estado para que tal pesquisa fosse feita em campo também se configurou como um fato a ser noticiado pelos jornais, na medida em que as mesmas foram fundamentais para que as escolas mostrassem o seu “amor pelo estado” (O Liberal, 26/02/1998. Atualidades, p.6.) e “a força do Pará na avenida” (Diário do Pará, 13/02/2013. Capa.).



Figura 2. O Liberal, 26/02/1998. Atualidades, p.6 (Detalhe)

Os próprios jornais se fizeram valer da utilização de termos emotivos e nada imparciais quando o assunto era anunciar os desfiles que estavam por ocorrer e tinham

<sup>8</sup> Segundo o regulamento específico para os desfiles de escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro de 2011.

como enredo o estado do Pará ou suas manifestações culturais<sup>9</sup>, e, em caráter mais amplo, a própria Amazônia. Abundaram termos e períodos enfatizando a força da cultura do estado (como diria a autora Eunice Durham “uma cultura selecionada” (DUHRAM, 2004, p. 55) bem como do protagonismo das escolas de samba envolvidas no processo de feitura dos desfiles em questão.

A atenção gráfica dada nas capas, com títulos chamativos e fotos ocupando grande destaque com mais de meia página e matérias especiais também colaboraram para o posicionamento amplamente simpático dos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará” com a eminente veiculação da cultura do estado do Pará para mais de 80 países tendo mais de 300 milhões de telespectadores, segundo os referidos periódicos. O destaque era dado, mesmo quando as escolas de samba em questão já se encontravam há anos sem um título<sup>10</sup>, ou quando doutros desfiles se mostraram visivelmente mais sofisticados do ponto vista estético.

Tal fator foi silenciado para dar uma intencional visibilidade às escolas que não raro “fizeram com que o paraense perdesse o sono” para acompanhá-las, bem como as “agremiações encantaram a população de todo o estado”, generalizando assim a audiência e silenciando para o fato de que nem todos estavam acordados às 04:00 h, 05:00h da manhã dos respectivos anos para acompanharem os desfiles.

E é justamente nesse ponto, do caráter de generalização e adoção de um discurso simpático aliado a todos os outros fatores elencados (a forma de produção, os locais de fala, a distribuição, o que e o como é falado, bem como o contexto político) que se faz necessário estabelecer outras conexões, sobretudo com a bibliografia abordada na primeira seção deste artigo. Vemos que os desfiles de escola de samba do grupo especial do Rio de Janeiro que têm como temática a Amazônia, a questão do patrocínio, o aparecimento da Amazônia na mídia, ou melhor, a sua maior ênfase, bem como o caráter legitimador de identidades assumidas por diversos sujeitos, ganham aqui intersecções passíveis de serem analisadas pelo historiador. Vamos por partes.

Diversos autores, Manuel Castells (CASTELLS, 2010), Magali Franco Bueno (BUENO, 2002) em suas respectivas pesquisas já nos mostraram que o fato da Amazônia ter tido uma maior visibilidade na mídia a partir dos anos 1980 e 1990 tem motivos pautados em uma série de fatores, em especial dois: o crescimento da força dos movimentos ambientalistas e o novo contexto político do Brasil. Não devemos, todavia, apenas crer que a preservação da floresta vem a ser o único fator que esteja em jogo, tendo a própria questão entre

---

<sup>9</sup> Pajelança Cabocla com a Beija-Flor em 1998, Círio de Nazaré com a Viradouro em 2004, bem como Sairé, o tecnobrega, Marujada de São Benedito e, mais uma vez, o Círio de Nazaré no caso do desfile da escola de samba Imperatriz Leopoldinense para o carnaval de 2013.

<sup>10</sup> Em 2004 a G.R.E.S. Unidos do Viradouro estava há sete anos sem o título de campeã. Em 2013, a G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense estava há 12 anos sem o mesmo título. Já no caso da G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis em 1998, o hiato era ainda maior, 15 anos sem o troféu de 1ª colocada no carnaval do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro.

preservação e conservação um debate amplo ainda a ser tido em torno dos dois termos, que embora similares se diferenciam.

Aliado a isso temos, concomitantemente, um crescimento significativo, e bastante enfatizado por diversos comentaristas, das subvenções obtidas pelas escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro em diversas frentes, pública e privada, para a realização dos seus desfiles. Entre o fim dos anos 1980, durante os anos 1990 e primeira década do século XXI, várias escolas se fizeram valer de patrocínio para levar à Marquês de Sapucaí enredos que tratassem acerca de cidades, estados, países ou personalidades importantes (PEGADO, 2005), com destaque especial para a Amazônia, sobretudo dentro do recorte de 1997 a 2013.

Vimos, aliado a isso e adentrando nas fontes, a existência de diversos sujeitos em ação, que vão muito além da pouco mais de uma hora de desfile que cada escola dispõe. Eles transpõem as fronteiras da Marquês de Sapucaí, saindo inclusive do próprio estado do Rio de Janeiro. São carnavalescos, enredistas, compositores e jornalistas que através das vozes que evocadas através da pesquisa e do diálogo com o seu tempo, formulam opiniões que acabam engendrando a formação de um discurso identitário, bem como com conotações turísticas ao dar visibilidade a determinados aspectos devidamente selecionados e alinhados à lógica do enredo carnavalesco.

Foi trazida a necessidade de se debater os jornais enquanto fontes pertinentes a pesquisa em questão. E para tal, autores especialistas no assunto, devidamente nomeados na segunda seção deste artigo, foram arrolados para auxiliarem no próprio processo de escrita do mesmo. Tal preocupação é fundamental, uma vez que o não direcionamento da pesquisa poderia incorrer pura e simplesmente na mera descrição da fonte coletada, e não no debate com a vasta bibliografia selecionada para a pesquisa.

Os próprios jornais, mesmo enquanto mecanismos de veiculação de informações ditas “imparciais”, contraponto tido nos primeiros momentos da consolidação da História enquanto disciplina, mostraram ao longo da pesquisa, e encontrando respaldo na bibliografia utilizada, o oposto da imparcialidade que professam. Além de demonstrarem simpatia e predileção pelas escolas de samba que levavam o Pará enquanto enredo para a Marquês de Sapucaí, os mesmos, enquanto distribuidores (dentro da lógica de análise da História Cultural proposta por José D’Assunção Barros (BARROS, 2003, p.147-171) da leitura feita pelas escolas de samba acerca do estado e da Amazônia, se tornaram sujeitos fomentadores de uma identidade dita como “paraense”.

Tal identidade fomentada pelos jornais “Diário do Pará” e “O Liberal”, aliada com a proposta pelas escolas de samba através do diálogo com diversos sujeitos e tensões postas nas sinopses, desfiles, carnavalescos, governos envolvidos, mostra através de cuidadosa seleção um discurso em torno dessa própria identidade. E por este caráter singular, a

própria seleção em questão pretere todo o vasto espectro de diversas outras representações e características. A quem serve tal seleção e o porquê são questionamentos que devem ser feitos.

Os questionamentos no final da segunda seção deste artigo e retomados nesta encontram um ponto de reflexão interessante sobretudo nas fontes jornalísticas, em especial na edição do jornal “O Liberal” de 12 de fevereiro de 2013”, bem como no último capítulo da dissertação de Magali Franco Bueno (BUENO, 2002) e na tese de doutoramento do historiador paraense Mário Médice Barbosa (BARBOSA, 2010), além de diversos autores à exemplo de Terezinha Côgo Venturim acerca da identidade (VENTURIM, 2008).

No referido número do jornal “O Liberal”, curiosamente, o periódico deu espaço para a opinião dissonante de um leitor do periódico e telespectador, do desfile da escola de samba Imperatriz Leopoldinense à época. O advogado entrevistado não se sentia representado pelo desfile da escola bem como o discurso identitário proposto pela mesma. Apesar de todo o invólucro de opiniões favoráveis ao desfile e ao não aprofundamento do debate em torno de identidade em relação à fala do telespectador, pinçar tal opinião divergente é interessante.

Mesmo que tenha sido a opinião singular de um telespectador, não podemos deixar de conjecturar que diversos outros telespectadores tenham tido semelhante impressão, apesar de suas vozes não terem sido dadas pelos jornais pesquisados. Lembremos da questão dos silêncios que as escolhas de determinadas temáticas a serem veiculadas e o como são veiculadas acabam impondo no que diz respeito ao conteúdo dos periódicos.

Para a própria geógrafa Magali Franco Bueno, ficou claro em sua pesquisa que nem todos os entrevistados adotavam para si o fato de estarem residindo na Amazônia (tendo em vista uma das muitas acepções que o termo dispõe). Para tais entrevistados a mesma em termos de senso comum estava ligada com a imagem da floresta, à natureza, tomando para si como negativa a associação da sua imagem ao pretensamente tido como primitivo ou indígena (BUENO, 2002, 142-158).

Projetos identitários vindos de cima para baixo, de um determinado grupo, de fato encontram tais conflitos com a ampla gama de pessoas que como telespectadores captam, não apenas como agentes passivos, mas como formuladores de opiniões, embora nem sempre cientes da profundidade dos debates que tais questões suscitam. Mas é justamente na busca por compreender como tais tensões funcionam, e da investigação acerca das relações que diversos agenciadores estabelecem no processo de produção, apresentação e divulgação da Amazônia enquanto enredo das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro entre 1997 e 2013, período em que a presente pesquisa se encontra balizada.

## Considerações finais

Vimos ao longo do artigo que a pertinência do uso das fontes periódicas jornalísticas se faz presente no ofício do historiador e foi de fundamental importância para esta pesquisa. Através da análise dos periódicos, sua leitura crítica e debate com a bibliografia temática, teórica e metodológica, conseguimos responder a problemática, que é sobre como se dava a circulação dos desfiles de escola de samba do grupo especial do Rio de Janeiro que têm a Amazônia como enredo nos jornais “O Liberal e Diário do Pará”

Vimos que essa circulação, além de ocorrer em um período específico (os dias que antecedem e sucedem a data do desfile durante o período carnavalesco) também enfocavam determinadas escolas, quando estas, sobretudo, homenageavam o estado do Pará, em cuja capital estão sediados os jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”.

A expansão da análise do uso das fontes também se fez possível graças à contextualização do momento em que as mesmas foram produzidas, levando-se em conta que os anos entre os anos 1980 e 2000, mas em especial nos anos 1990, as escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro passaram por um forte processo de assédio não só da mídia, como de governantes de cidades, estados e até mesmo países.

Tendo tais fatores em vista, ficou claro a percepção de uma ampla trama de sujeitos envolvidos no pôr um carnaval homenageando a Amazônia na avenida Marquês de Sapucaí, sujeitos esses que são carnavalescos, enredistas, funcionários de barracão, jornalistas e políticos, tendo cada um deles interesses próprios que ora dialogam e ora conflitam entre si, cujas relações vão muito além das fronteiras da cidade do Rio do Janeiro e transcendem o período carnavalesco.

## Referências

### Fontes

Jornais (Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Viana- Centur/ Belém)

### Jornal “O Liberal”

O Liberal 11/02/97. Atualidades, p.7.

O Liberal 12/02/97. Capa.

O Liberal 12/02/97. Especial, p.1-5.

O Liberal 13/02/97. Capa.

O Liberal 13/02/97. Atualidades, p.7.

O Liberal 18/02/98. Painel. Coluna do Edwaldo Martins, p.5.

O Liberal 22/02/98. Painel, p.1.

O Liberal 22/02/98. Cartaz, p.1-2.

- O Liberal 22/02/98. Cartaz, p. 8.
- O Liberal 23/02/98. Atualidades, p.5.
- O Liberal 23/02/98. Capa.
- O Liberal 24/02/98. Capa.
- O Liberal 24/02/98. Atualidades, p. 8-10.
- O Liberal 25/02/98 Painel, p 5.
- O Liberal 25/02/98 Atualidades, p. 6- 7.
- O Liberal 26/02/98. Capa.
- O Liberal 26/02/98. Atualidades, p.4-6.
- O Liberal 11/02/02. Atualidades, p. 10.
- O Liberal 11/02/02. Capa.
- O Liberal 12/02/02 Capa.
- O Liberal 12/02/02 Atualidades, p. 8- 10.
- O Liberal 16/02/04. Capa.
- O Liberal 19/02/04. Cidade, p. 9.
- O Liberal 21/02/04. Capa.
- O Liberal 21/02/04. Atualidades, p.7-9.
- O Liberal 23/02/04. Atualidades, p.5.
- O Liberal 23/02/04. Capa.
- O Liberal. 24/02/04. Capa.
- O Liberal 24/02/04. Atualidades, p.8.
- O Liberal 25/02/04. Atualidades, p.8.
- O Liberal. 25/02/04. Painel, p. 5.
- O Liberal 26/02/04. Atualidades, p. 3.
- O Liberal 26/02/04. Atualidades, p. 8.
- O Liberal, 26/02/04. Painel, p. 5.
- O Liberal, 28/02/04. Painel, p.7.
- O Liberal, 28/02/06. Capa.
- O Liberal. 05/02/08. Capa.
- O Liberal. 05/02/08. Atualidades, p.5.
- O Liberal 11/02/2013. Atualidades. p. 5.
- O Liberal 12/02/2013, Capa.
- O Liberal. 12/02/2013. Atualidades, p. 5.
- O Liberal. 13/02/2013. Capa
- O Liberal. 14/02/2013. Capa.

### Jornal “Diário do Pará”

- Diário do Pará, 11/02/97. Nacional. A4
- Diário do Pará, 11/02/97. Capa
- Diário do Pará, 19/02/04. Brasil. p.8
- Diário do Pará, 20/02/04. Cidade e Política. p.5
- Diário do Pará, 22/02/04. Delas, p. 3.
- Diário do Pará, 24/02/04. Capa.
- Diário do Pará, 24/02/04. Regional, p.1.
- Diário do Pará, 25/02/04. Cidades, p. 4-5.
- Diário do Pará, 25/02/04. Capa.
- Diário do Pará, 28/02/06. Brasil, p. 4.
- Diário do Para, 05/02/2013. Você, p.2.
- Diário do Pará, 10/02/2013. Capa.
- Diário do Pará, 11/02/2013. Você, p. 5.
- Diário do Pará, 12/02/2013. Capa
- Diário do Pará, 14/02/2013. Você, p. 2.

### Bibliografia

- BARBOSA, Mário Médice da Costa, **Entre a ilha enfeitada e o paraensismo**: as narrativas das identidades regionais na Amazônia paraense. São Paulo: PUC-SP, 2010.
- BARROS, José D’Assunção. História cultural: Um breve panorama historiográfico. In: **Textos de História UnB**: Brasília v. 11, n.1. 2003, p.145-171.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou do ofício do historiador. Tradução de André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editora, 2001.
- BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia**: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa. São Paulo: FFLCH-USP, 2002.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- CALONGA, Maurílio Dantielly. O Jornal e suas representações: objeto ou fonte da História. In.: **Comunicação & Mercado. UNIGRA**, Dourados - MS, v. 01, n. 02, edição especial, p. 79-87, nov. 2012.
- CASTELLS, Manuel. O verdejar do ser: O movimento ambientalista In: **O poder da identidade**. 7ª reimpressão (Tradução de Kaus Brandini Gerhardt). São Paulo: Paz e Terra, 2010. p.141-160
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca**: dos bastidores ao desfile. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro.EdUFRJ. 2006.
- DURHAM, Eunice. O local da Cultura. In; DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FARIA, Guilherme José Motta. **O estado novo da Portela**: circularidade cultural e representações sociais no governo Vargas, Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. **O G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro e as representações dos negros nos desfiles de escola de samba dos anos 1960.** Niterói: UFF, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural pronunciada no Collège de France em 02 de Dezembro de 1970. (Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio). 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GINZBURG, Carlo. Representação: A palavra, a ideia e a coisa. In:\_\_\_\_\_. **Olhos de Madeira:** Nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85-104.

GUARATO, Rafael. Por uma compreensão do conceito de representação. In: **História e História.** vol.1, nº 1. Dezembro de 2009. Disponível em <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb-artigos&id=127>> Acessado em: 24/10/2015.

LUCCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas: História do, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bezanesi (org.). **Fontes Históricas.** 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 111-154

.PEGADO, Israel Sequeira. **Carnaval Carioca:** a festa que virou produto. Monografia de conclusão do curso de Comunicação. Belém: UFPA. 2005.

SOUZA, Danilo Rodrigues; FILHO, Severino Cabral. O periódico como fonte na pesquisa histórica: Trabalho e trabalhadores no jornal “Diário de Borborema” Campina Grande 1957-1980. Artigo apresentado no XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH. Natal. 22- 26 de Julho de 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364645426\\_ARQUIVO\\_artigo-anpuh-danilorodriguessouza.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364645426_ARQUIVO_artigo-anpuh-danilorodriguessouza.pdf). Acessado em 15/07/2016

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (Orgs). **Domínios da História:** ensaios de Teoria e Metodologia. 19ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.127-164

VENTURIM, Terezinha Côgo. **Cantos de Encenar brasilidade:** Análise das marcas de subjetividade nos enunciados dos enredos de escola de samba, numa abordagem modular. Dissertação de Mestrado em Letras. UFMG: Belo Horizonte. 2008